

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Doutorado em Linguística

Disciplina: Projeto de História das Idéias Lingüísticas
Prof^a Dr^a Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer
Aluna: Nilce Maria da Silva

O VERBETE ABACAXI EM DICIONÁRIOS DO SEC. XIX E XX

O objetivo deste estudo é refletir acerca do funcionamento discursivo do verbete *abacaxi*, a partir da análise de oito diferentes dicionários monolíngües produzidos entre o séc.XIX e o séc. XX, tanto em Portugal como no Brasil. Este estudo inscreve-se na perspectiva teórica da Análise de Discurso articulados à História das Idéias Lingüísticas no Brasil.

O corpus constitui-se do recorte do verbete *abacaxi* nos dicionários: i) *Diccionario da Língua Portuguesa* (1813) de Antonio de Moraes Silva e fac-similado da 2^a edição como *Diccionario de Língua Portuguesa*, em 1922; ii) *Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa* (1889) de Antonio Joaquim de Macedo Soares; iii) *Dicionário da Língua Portuguesa* (1934-1944) organizado por Laudelino Freire; iv) *Dicionário de Língua Portuguesa* (1949) de Cândido de Figueiredo; v) *Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado* (1959) do Prof Adalberto Prado da Silva; vi) *Dicionário da Língua Portuguêsa* (1961) de Antenor Nascentes; vii) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1975) de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e viii) *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (2005) de Francisco S. Borba.

Assim, nossa reflexão acerca do funcionamento discurso do referido verbete pretende abranger, mesmo que sucintamente, todos eles. Adotaremos para esse percurso analítico dois conceitos da Análise de Discurso, baseados nos trabalhos de Orlandi (2005) e Nunes (2006), quais sejam: o interdiscurso: memória do dicionário e as formações discursivas.

O interdiscurso, para Orlandi (2005, p. 33), é *todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido*. O interdiscurso é a memória do dizer; é a relação entre o já dito e que se está dizendo. Deduz-se disso que sempre há um já-dito que precede o dizer. No caso dos dicionários, conforme Nunes (2006, p. 24), estes se constituem como um espaço de memória discursiva e aponta que *a elaboração de um dicionário consiste em um trabalho sobre o já-dito, um trabalho de seleção, reformulação, retomada, ruptura etc.*

A formação discursiva se define, conforme Pêcheux (1988, p. 162), *como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito*. Atentamos, ainda, ao que Orlandi (2005, p. 43) afirma:

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. E é pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.

Nunes (2006) vai nos dizer que compreender e operacionalizar esse conceito permite explicar algumas transformações na passagem de um a outro estado de um processo discursivo, no discurso dos dicionários.

NA TRILHA DO VERBETE

O *Diccionario da Língua Portuguesa* foi publicado em 1813, por Antonio de Moraes Silva, em Lisboa. É um dicionário, portanto, publicado em Portugal, em Língua Portuguesa, para a Nação Portuguesa. Chama a atenção o fato de que esse dicionário foi produzido por um brasileiro, e segundo o próprio autor, a Língua Portuguesa já se constituía em uma unidade lingüística autônoma:

Persuadidos, pois que a obra, que vamos publicar, tanto pela honra que d'ella resultará à Nação Portuguesa, como pela utilidade, que trará aos estudiosos fazendo-lhes conhecer as bellezas, abundancia, e energia da sua Língua materna, e a nenhuma necessidade, com que alguns a tem adulterado introduzindo em seus escritos termos, e frases adoptadas de outras, que por melhores, que se considerem, nem dellas havia necessidade, nem até agora passarão no juízo dos sábios por mais expressivas e energicas;...”()

Esse mesmo dicionário, mais de cem anos depois, em 1922, no Rio de Janeiro foi fac-similado da 2ª edição, de 1813, como *Diccionario de Língua Portuguesa* como Edição Commemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. Causa-nos estranheza, em uma primeira leitura, este gesto de editar um dicionário produzido para a Nação Portuguesa como forma de comemorar os cem anos de Independência do Brasil, sem apresentar nenhum acréscimo ou alteração em relação ao original. Considera-se, ainda, o fato de que, no período entre 1813 a 1922, outros dicionários foram produzidos, especialmente os dicionários de brasileirismos, por autores brasileiros.

Para compreender esse gesto, Nunes (2007, p. 32) nos diz que

Esse gesto editorial pode ser considerado como o da construção de uma memória lexicográfica, reforçada pela nacionalidade do autor, nascido no Rio de Janeiro (...) Evocar Moraes e não qualquer outro dicionarista do século XIX em uma edição comemorativa pode ser visto também como a atualização de um sentido não histórico da língua, de uma visão de clareza e concisão aos moldes iluministas.

Ressalta, assim, o fato de essa edição comemorativa não apresentar verbetes brasileiros já conhecidos em outros dicionários, como é o caso do *abacaxi*, recorte dessa reflexão. Apontamos, no entanto, que os demais dicionários enumerados acima apresentam o verbe *abacaxi*.

Macedo Soares, no *Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa*, publicado em 1889, produz o dicionário na tentativa de descrever o vocabulário brasileiro e com o intuito de completar os dicionários portugueses, relativos às falhas que se apresentavam em relação ao léxico do Brasil. Nunes (2006) aponta que esse dicionário configurou-se como um instrumento de representatividade nacional.

O verbete abacaxi é assim apresentado por Macedo Soares (1889):

abacaxi sm., variedade do ananás *Bromelia ananas L.*, *ananassa sativa* Lindl., denominada *Pyramidalis alba* Mill., é a melhor fruta conhecida (Richard) justamente apreciada, pelo perfume e pelo sabor, nas mesas brasileiras, ao lado da laranja e da banana. // ETIM. corr. pop. Do BR. ibácaxi = ibácati fruta rescendeste, de cheiro forte. Ali, x = tx = tch.

Macedo Moraes aponta no início do verbete a marcação gramatical - sm, seguindo já o processo de dicionarização de Moraes (1813), como uma marcação sistemática da categoria gramatical no início do verbete. Na seqüência, define o abacaxi como variedade do ananás e apresenta uma série de especificações da fruta: é a melhor fruta conhecida, justamente apreciada, pelo perfume e pelo sabor.

Ao especificar que abacaxi é a melhor fruta conhecida e, entre parênteses, registrar o nome Richard (poeta e aventureiro inglês que chegou ao Brasil em 1649), pode-se considerar que há a presença da ausência de outros sentidos já ditos por alguém, em outro lugar, num dado momento. Consiste em um trabalho sobre o já-dito, um trabalho de seleção, reformulações, ruptura. É a memória discursiva, o interdiscurso; é o dizer dos viajantes que intervêm no dicionário de Macedo. É o dizer, uma rede de dizeres que vão constituindo o dicionário.

Mariani (2004:80) apresenta alguns recortes do tema *alimentos*, como o ananás, escritos por Richard Flecknoe, por Gândavo e Frei Vicente de Salvador, respectivamente, que a nosso ver, são sentidos que se deslocam e vão construindo o sentido do verbete abacaxi no dicionário do séc. XIX.

O ananás é, sem dúvida, a melhor e a mais saborosa das frutas que o país produz. Ele cresce como uma alcachofra, suas folhas são espessas e dentadas como as das sempre-vivas e seu caule e sua casca, escamosos.
(...)

Hia fruta se dá nesta prouinçia do Brasil muito sabrosa e mais prezada de quantas ha na terra. (...) que chamão lhes ananâzes e depois de maduras tem hi,,cheiro muito exçellente.

O mesmo tem outra planta que produz ananazes, fruta que em formosura, cheiro e sabor excede todas as do mundo.

Para Mariani (2004), a descrição da fruta, por exemplo, se faz marcada por um gesto de interpretação europeu, no processo de adição de discursos, ao produzir uma normalização e domesticação do sentido para o alimento desconhecido. São usadas expressões, palavras, comparações, a partir daquilo que já é conhecido previamente.

No dicionário de Laudelino Freire (1939), o lexicógrafo apresenta outras acepções para a palavra abacaxi, sentidos não presentes no dicionário de Macedo Soares. Aparecem pela primeira vez outros enunciados os quais constituem diferentes sentidos para o verbete abacaxi: 3. *Ant. Alcinha depreciativa dos portugueses no Rio de*

Janeiro. 4. mau dançador, desajeitado, pesadão. 5. gír. mil. granada de mão. 6. cargo, incubência, dádiva, de que podem resultar efeitos desastrosos.

O enunciado “Alcunha depreciativa dos portugueses no Rio de Janeiro” é um enunciado que desliza de um dicionário a outro, ora sendo apagado, ora sendo retomado, reformulado. É um dos lugares de deriva. O verbete abacaxi nos outros seis dicionários é apresentado das seguintes maneiras:

Laudelino Freire - Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa – 1939-1944.	Cândido de Figueiredo - Dicionário da Língua Portuguesa – 1949	Prof. Adalberto Prado e Silva – Nôvo Dicionário Brasileiro Ilustrado - 1959
ABACAXI, s.m. Tupí-guar. <i>Ibá</i> , fruto + <i>catí</i> , rescendente. Fruto da mesma espécie do ananás, ao qual excede em aroma e sabor. // 2. Planta da família das bromeliáceas, que produz êsse fruto. (<i>Bromelia ananas</i> , Lin.). // 3. <i>Ant.</i> Alcunha depreciativa dos portugueses no Rio de Janeiro. // 4. Mau dançador, desajeitado, pesadão. // 5. <i>Gír. mil.</i> Granada de mão. // 6. Cargo, incumbência, dádiva, de que podem resultar efeitos desastrosos.	Abacaxi, m. Bras. Espécie de ananás (<i>Bromelia ananassa</i> , Lin.).	Abacaxi, s.m. (tupi-guar. <i>Ibá</i> , fruto+cati, recendente). 1. <i>Bot.</i> Variedade do ananás, ao qual excede em aroma e sabor; fruto grande e escamoso, de sulcos simétricos e forma cônica. 2. <i>Bot.</i> Planta bromeliácea, que produz êsse fruto (<i>Bromelia ananas</i>). 3. <i>Ant.</i> Alcunha dos portugueses no Rio de Janeiro. 4. Mau dançador, desajeitado, pesadão. 5. <i>Gír. mil.</i> Granada de mão. 6. <i>Gír.</i> Tudo quanto é indesejável, inútil, perigoso, prejudicial etc.: o mau negócio realizado; um automóvel velho que não encontra comprador; uma obrigação de difícil cumprimento; tudo enfim que é mau, ou que pode trazer más conseqüências, entra para a classe dos <i>abacaxis</i> . – <i>A.-de-tingir</i> (<i>Bot.</i>): planta bromeliácea, que fornece uma tinta amarela, empregada em tinturaria (<i>Aechmea tinctoria</i>); gravatá-branco. <i>A.-silvestre</i> (<i>Bot.</i>): o mesmo que <i>A.-de-tingir</i> .

Dicionário da Língua Portuguesa - Antenor Nascentes – 1961	Novo Dicionário da Língua Portuguesa - Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – 1975	Dicionário UNESP do Português contemporâneo – Francisco S. Borba – 2005
abacaxi. (abaka'si) S.m. Fruto de uma planta da família Bromeliáceas, variedade do ananás (<i>Ananas sativus</i> , Schult). Antiga alcunha depreciativa dos portugueses (Rio de Janeiro). Coisa que não presta, que acarreta trabalho, não dá vantagem. (Do tupi <i>ibaka'ti</i> , fedor de fruto, fruto fedorento).	Abacaxi ¹ . (Do tupi <i>i'bá</i> , 'fruto', + <i>ká'ti</i> , 'recendente'] 'S.m. 1. Bras. Planta da família das bromeliáceas (<i>ananas sativus</i>). 2. Bras. infrutescência carnosa muito apreciada como alimento, e que encerra enzima proteolítica usada em lugar da papaína. [sin. ger.: <i>ananás</i> , <i>nanás</i> .] 3. Bras. Gir. Coisa trabalhosa, complicada, embrulhada, intrincada: <i>antes de viajar, teve vários abacaxis para resolver</i> . 4. Bras. Gir. Coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata: <i>aquele romance é um abacaxi</i> : "Dois meses depois, ela telefona, em pânico: 'vou ser mãe!' Do outro lado da linha, Sandoval explode: 'Que abacaxi!' E, então, começa a evitar a pequena."	ABACAXI a-ba-ca-xi (Tupi) Sm 1 infrutescência composta por bagas carnosas grudadas umas às outras formando uma polpa branca ou amarelada, aromática e succulenta, envolvida por uma casca grossa de sulcos simétricos e em forma cônica ou arredondada e curta, terminando por um coroa espinhosa 2 abacaxizeiro: <i>Feriu-se numa folha de abacaxi</i> . 3 (Colog) tudo o que é indesejável e perigoso; coisa complicada e trabalhosa: <i>O ministro afirmou estar assumindo um abacaxi muito grande</i> .

Curioso observar que o Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo, de 1949, na sua 10ª edição, considerado como clássico e histórico, só apresenta o verbete abacaxi com uma única definição: *Espécie de ananás*. Que efeito de sentido se produz ao apagar e silenciar os outros sentidos de abacaxi? O que selecionar, o que retomar para prosseguir?

A forma sucinta e clara de apresentar o verbete pode evocar a memória de Moraes (1813). Mas ao fazê-lo, ou seja, ao mesmo tempo que retoma a memória de Moraes, a desloca. Esse deslocamento nos permite filiar a outros sentidos já ditos, em

outro lugar – de que abacaxi também pode ser a alcunha que deprecia, que desconsidera os portugueses.

Já o Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado, organizado pelo Prof. Adalberto Prado e Silva, em 1959, retoma outros sentidos do verbete abacaxi, apagados e silenciados por Cândido de Figueiredo. No entanto, outro movimento de sentidos vai sendo construído em relação ao verbete e, podemos dizer, em relação aos portugueses ao apontar, na terceira acepção do verbete, que *abacaxi é alcunha dos portugueses no Rio de Janeiro*. Nesse dicionário não se observa o adjetivo “depreciativa” acompanhando o substantivo “alcunha”.

No Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, de 2004, o verbete “alcunha” é definido como *Cognome geralmente depreciativo que se põe a alguém, e pelo qual fica sendo conhecido, tirado de alguma particularidade física ou moral; apelido, apodo*. Esta formulação – geralmente depreciativo – deixa a possibilidade de ler que pode ser, mas que não se configura como uma regra; é um apelido e não necessariamente um apelido depreciativo. Esse modo de dizer do lexicógrafo faz significar diferentemente, produz sentidos, produz deslizamentos de sentidos entre os diferentes dicionários.

Antenor Nascentes (1961) retoma o enunciado, reformulando-o, atualizando-o. O verbete abacaxi passa a ser visto sob a perspectiva, em uma das acepções, de que seria a *antiga alcunha depreciativa dos portugueses (Rio de Janeiro)*. Qual deslocamento de sentidos opera nessa reformulação da definição? Note-se, neste enunciado, o acréscimo do adjetivo *antiga* e o acréscimo do sinal de *parênteses*. O que revela este gesto de formulação do enunciado?

Na exposição que Nascentes apresenta ao Sr. Dr. Afrânio Peixoto do Projeto do Dicionário da Academia Brasileira de Letras, ele diz “Procurei nada colocar que ofendesse a moral e a religião” (p.X). Consideramos que essa pode ser uma condição enunciativa do lexicógrafo para definir o verbete e, assim, fazer deslizar os sentidos de *abacaxi*, relacionada também, com a posição de autoria. A análise de Nunes () é significativa nesse sentido ao enunciar que

as diversas formas de autoria, produzidas por meio de mecanismos de silenciamento e pela dispersão dos sujeitos, marca o movimento dos discursos, o relacionamento entre as instituições e o confronto das formações discursivas.

Os outros dois dicionários, de Aurélio (1975) e de Borba (2005), não fazem alusão à acepção de *abacaxi* enquanto alcunha dos portugueses. Em uma relação entre o dicionário de Laudelino Freire, de 1939, e os dois últimos, o que age e retroage na constituição desses dicionários? Como podemos entrever sentidos que se deslocam, que permanecem, que silenciam outros dizeres? Que sujeito lexicográfico está presente em cada um dos dicionários?

Parece haver um jogo constante entre o passado e o presente, entre diferentes sujeitos que se entrecruzam nos dicionários, numa relação de constituição da história, da língua e do sujeito. E neste entremeio – sujeito, história e língua - podemos ver que

alguns sentidos se estabilizam, se cristalizam; outros se transformam, se atualizam; outros se deslocam, deslizam, ficam à deriva.

Nesses dois dicionários, parece haver um apagamento do sentido de *abacaxi* enquanto alcunha dos portugueses, mas parece haver também um deslocamento. *Abacaxi* passa a se referir a todas as pessoas e coisas - *Coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata; tudo o que é indesejável e perigoso; coisa complicada e trabalhosa.*

Mesmo que nesse estudo a análise não abrangeu a outros domínios da Análise de Discurso, como condições de produção, sujeito lexicográfico, heterogeneidade discursiva e nem a domínios do Dicionário como os prefácios, etimologia, marcação gramatical, entre outros, nota-se, a partir desses dicionários, o movimento discursivo de produção dos sentidos do verbete *abacaxi*.

NA TRILHA DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Percorrer as trilhas do verbete *abacaxi* possibilitou-nos descobrir uma leitura instigante no universo do dicionário, especialmente porque fundamentada no modo como a Análise de Discurso o lê: como um discurso. Nesta linha teórica, interessa compreender como os sentidos se movimentam, se deslocam, como vão sendo constituídos. Contrariamente do que se espera de um dicionário como um lugar de sentido posto, estabilizado, cristalizado, um lugar de estabilidade.

Vimos que os sentidos do verbete *abacaxi* foram se desdobrando, se deslocando, num movimento contínuo dos sujeitos, da língua, da história. E o dicionário se inscreve neste lugar de reflexões, de estudo, para melhor compreender as continuidades, as transformações, os silenciamentos, os esquecimentos que o discurso lexicográfico produz.

Referência bibliográfica

FERREIRA, A. B. H. **O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Editora Positivo, 2004. versão eletrônica.

MARIANI, B. **Colonização lingüística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.

NUNES, J. H. Dicionário e instituição: imagens da língua e autoria. Disponível em: www.geocities.com/gt_adjosehorta.doc. Acesso em 09/02/09.

_____. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. e PETTER, M. (orgs.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas, Campinas: Pontes Editores, 2002.

ORLANDI, E. P. “A língua brasileira”. In: **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 23, p. 29-36, 1994.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. P. **Política lingüística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

SILVA, M. V. da. “O dicionário e o processo de identificação do sujeito-analfabeto”. In: GUIMARAES, E. e ORLANDI, E. P. (orgs.). **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996, pp. 151-162.

Dicionários consultados:

BORBA, F. S. Dicionário UNESP do português contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, C. Dicionário da língua portuguesa. 10ª ed. Lisboa: Editora Livraria Bertrand e Rio de Janeiro: W. M. Jackson, INC. 1949, vol. I

FREIRE, L. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora A noite, 1939, vol. II e IV.

MACEDO SOARES, A. J. Dicionário Brasileiro da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora da Bibliotheca Nacional, 1889, letras A, B e L.

NASCENTES, A. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1961, 1º tomo.

SILVA, A. de M. Dicionário da língua portuguesa. 2ª ed. Lisboa: Typ. Lacérdina, 1813, tomo primeiro, letras A, B e L.

SILVA, A. P. Novo dicionário Brasileiro ilustrado. São Paulo: Melhoramentos, 1959, vol. I.